

A linguagem e nossa produção científica

The language and our scientific production

O ser humano se distingue por dois elementos: a inteligência e a linguagem articulada. Linguagem é um método exclusivamente humano, e não instintivo, de comunicar ideias, emoções e desejos, por meio de um sistema de símbolos produzidos de modo deliberado. A função essencial da linguagem é a da comunicação, de comunicarmos-nos, uns com os outros. Serve também de alicerce para nosso pensamento, para a análise dos nossos sentimentos, e, possui uma função estética que se associa às funções de comunicação e expressão.

A linguagem em caráter especial e mais regional se transforma em língua, expressão de um povo, de uma nação, ou de um grupo étnico. Sempre significará um importante instrumento de integração social, possibilitando, sobretudo funções: unificadora, identificadora, e de sobrevivência que transcende a faceta apenas cultural.

A linguagem é uma conquista da razão humana, verdadeiramente um instrumento do seu poder. No entanto, o inverso parece também verdadeiro: o homem faz a língua e a língua faz o homem.

Não há melhor maneira de se entender um desconforto doloroso que ouvir atentamente o próprio autorrelato de quem o sofre. Mesmo assim, sabemos que a subjetividade da matéria sempre nos reserva dificuldades. Sempre que lançamos mão de interpretações ou parâmetros indiretos na avaliação da dor estamos nos afastando de seu real significado e mensuração. O processo doloroso contempla modulação desde a transdução dos estímulos periféricos, a transmissão pela rede neural e até sua percepção consciente. A modulação pode ser intensa o bastante para o indivíduo sentir dor a partir da ausência de estímulos dolorosos, ou não sentir desconforto algum a partir de estimulação dolorosa vigorosa. Diferenças notáveis são encontradas no vocabulário mais rico, preciso e compreensível das dores nociceptivas que se contrapõem ao vocabulário escasso, impreciso, e, sem consenso coletivo das dores neuropáticas.

Na pesquisa, na clínica e na terapêutica da dor, mais que em qualquer outra área de atuação, somos totalmente dependentes das informações prestadas pelo paciente. Em suma, de sua linguagem.

Nenhum exame complementar, mesmo aquele mais moderno e sofisticado, pode concordar ou discordar com as alegações do paciente, sem dar margens à dúvida. Dor é antes de tudo uma queixa, um testemunho. O paciente sente dor se assim o declara. Atestar uma dor é dar um aval a um testemunho, e destarte não somos competentes, pelo menos nos dias de hoje. A perícia da dor é a avaliação da credibilidade do queixoso.

A linguagem para os produtores de documentos como teses e artigos científicos é um sistema de signos cegos, arbitrários, e até tirânicos. Muitas vezes se transformando em utensílio, ao serviço das necessidades e afãs quotidianos, ou a serviço da razão e da ciência.

A linguagem, substrato do pensamento, consolida o conhecimento, e permite nosso progresso. Não é possível excluir de nossa evolução e progresso o que ocorre na medicina. A revista da nossa Sociedade Brasileira para o Estudo da Dor (SBED), que você agora lê, tenta, de modo humilde, mas sério, contribuir para todo esse processo.

Na linguagem médica brasileira identificamos essencialmente problemas de redação e de nomenclatura. O mais difícil e importante é o da redação. No entanto, como a nomenclatura acaba por dar suporte à redação, e, ser de solução um pouco menos complexa, a ela os editores se dedicam com maior afinco.

A condição de ser nossa revista científica a de uma sociedade brasileira, e, portanto, necessariamente, possuir uma representatividade compatível, implica na publicação de trabalhos de produção distribuída em todo território nacional. A dificuldade reside na heterogeneidade da qualidade e da quantidade da produção científica. Os artigos de centros de maior desenvolvimento às vezes são preteridos em favor de outros de menor produção. Algumas capitais sequer possuem serviços de dor aguda ou crônica, muito menos centros multidisciplinares e multiprofissionais especializados. A SBED atua minimizando essas diferenças, e, incentivando as mudanças necessárias para tal.

Os homens são os animais que falam. Muitos escrevem, e, cada vez mais. No entanto, poucos são autores de bons artigos científicos. Os bons autores encaminham seus artigos dando preferência para veículos com maior impacto e conseqüentemente maior visibilidade para a comunidade que se interessa no estudo do fenômeno doloroso em âmbito mundial. Desde o início deste ano, a diretoria da SBED se orgulha de já possuímos indexação para atrair um bom fluxo de artigos para submissão, além de disponibilizá-los em nosso portal eletrônico em inglês.

Seja um de nossos colaboradores. Quando o assunto é literatura médica, por um lado podemos afirmar que quantidade não é qualidade, mas por outro lado é da quantidade que se extrai a qualidade. Prestigie-nos, não se iniba, produza, deixe a censura para nossa junta editorial.

José Oswaldo de Oliveira Júnior

Neurocirurgião, Diretor Administrativo da SBED, Diretor da Central da Dor & Estreotaxia do Hospital A C Camargo, Titular do Departamento de Terapia Antálgica, Cirurgia Funcional e Cuidados Paliativos da Escola de Cancerologia da Fundação Antônio Prudente